

# PELAS JANELAS VIRTUAIS: HISTÓRIAS DE ARTE E FORMAÇÃO FIADAS NA QUARENTENA

## THROUGH THE VIRTUAL WINDOWS: ART STORIES AND TRAINING WOVEN DURING QUARANTINE

Luciana Esmeralda Ostetto 1  
Greice Duarte de Brito Silva 2  
Simone Bibian 3  
Marta Maia 4

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Grupo FIAR - Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7470127128501920>,  
ORCID: <https://orcid.org/000-0002-1948-5090>.  
E-mail: [lucianaostetto@id.uff.br](mailto:lucianaostetto@id.uff.br)

Mestre em Educação e Doutoranda em Educação pela UFF. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no COLUNI (UFF). Pesquisadora do Grupo FIAR - Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4266653110288879>,  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8655-8034>.  
E-mail: [greicedbrito@gmail.com](mailto:greicedbrito@gmail.com)

Mestre em Educação e Doutoranda em Educação pela UFF. Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério do Turismo. Pesquisadora do Grupo FIAR - Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2540510460150865>,  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7883-6890>.  
E-mail: [simone.bibian@gmail.com](mailto:simone.bibian@gmail.com)

Mestre e Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-Rio). Professora Adjunta do Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento – SSE (UFF). Pesquisadora do Grupo FIAR - Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte (Linha de pesquisa: Educação Infantil e prática pedagógica).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1999281200189715>,  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1095-9592>.  
E-mail: [martamaia@id.uff.br](mailto:martamaia@id.uff.br)

**Resumo:** Este artigo narra e analisa o movimento de ocupação-formação virtual produzido por um grupo de pesquisa que tematiza arte, infância e formação docente e que, no contexto pandêmico, perguntou-se: Seria possível tecer encontros de sensibilidades no distanciamento, na virtualidade? Apostando que sim, na página do grupo no Facebook, foi criada uma ação que, no diálogo com a arte, propunha diariamente publicações-convites para sentir-pensar-fazer. A organização das propostas exigiu o exercício de curadoria, compreendida como ação de selecionar e de organizar forma e conteúdo da publicação, o que implica pesquisar repertórios e teorias, assim como definir critérios para as escolhas. O acesso às publicações deu-se majoritariamente por professoras de Educação Infantil, que interagiam na página deixando-se provocar nos modos de olhar e revelavam esses movimentos nas narrativas compartilhadas. O percurso experimentado indicou não só a pertinência, mas também a urgência de se fazer formação reinventando tempos e espaços, acolhendo desafios e incertezas.

**Palavras-chave:** Formação Estética. Educação Antirracista. Museu e Educação. Arte e Pandemia. Curadoria Virtual.

**Abstract:** This paper narrates and analyzes the movement of virtual occupation-training produced by a research group that focuses on art, childhood and teacher education and that, in the pandemic context, asked: Would it be possible to weave sensitivities encounters during social distancing, in virtuality? Betting on “yes”, on the group’s Facebook page, an action was created that, in dialogue with art, proposed daily publications-invitations to feel-think-do. The organization of the proposals required the exercise of curatorship, understood as an action of selecting and organizing the form and content of the publication, which implies researching repertoires and theories, as well as defining criteria for the choices. The access to publications was mainly given by teachers of Early Childhood Education, who interacted on the page allowing themselves to be provoked in the ways of looking and revealed these movements in the narratives shared. The path experienced indicated not only the pertinence but also the urgency to carry out training, reinventing times and spaces, welcoming challenges and uncertainties.

**Keywords:** Aesthetic Training. Anti-racist Education. Museum and Education. Art and Pandemic. Virtual Curation.

## Na fragilidade do momento, abrir janelas, fortalecer o encontro

Reinvenção do cotidiano tornou-se palavra de ordem no contexto da pandemia da Covid-19, durante a qual enfrentamos o desafio de viver um tempo em suspensão, marcado pela incerteza, pelo medo, pela insegurança. A exemplo de outros países, no Brasil, em março de 2020, foi preconizado o isolamento social. Recolhidos em casa, longe das ruas, das escolas, dos encontros físicos, sofrendo as consequências do descaso de um governo genocida, testemunhamos a banalização da morte, a afronta à dignidade e a violação do direito de existir, o que torna ainda mais difícil viver na fragilidade do momento.

No âmbito educacional, as formas de ensinar, os modos de construir espaços e propostas de aprendizagem, os saberes e os fazeres instituídos foram colocados em xeque, as relações foram vertiginosamente alteradas: entre escola e famílias, entre docentes e discentes, entre conteúdo e forma, entre interações e linguagens, entre princípios e práticas, entre o essencial e o secundário. Para atravessar a pandemia, no horizonte da docência, despontam outras urgências, tal como cultivar atitudes sustentadas na abertura e na disposição para buscar e tecer outras paisagens relacionais. Em um tempo de perdas e de tristezas infinitas, aprender a continuar respirando, produzindo a vida, passou a ser nossa tarefa principal.

Se, por um lado, a violência política e a tragédia social experimentadas no período em curso exacerbaram medos e fraquezas, expuseram as desigualdades socioeconômicas e aviltaram ainda mais os excluídos do sistema; por outro, provocaram-nos a pensar no plural: a reclusão, passada a impotência inicial, precisou converter-se em energia para imaginar e tecer possibilidades outras, implicando repensar os modos de vida, os modos de educar, os modos de habitar os espaços – a casa, a rua, a escola. Nesse ponto, a criatividade passou a compor projetos de (sobre)vivência, e a arte projetou-se como janela aberta ao mundo, arejando espaços drasticamente reduzidos e fechados, fazendo-se parceira que convida/apoia o movimento necessário de recriar os modos de ser e de estar no mundo, permitindo outras percepções do que é estar junto.

Propostas com a arte geram diálogo. No presente, o diálogo – consigo, com o mundo, com a cultura, com a política, com a virtualidade – pareceu-nos fundamental para ampliar espaços de vida, para imaginar e criar outras sociabilidades. Nosso grupo de pesquisa estuda a formação docente entrelaçada à arte, às infâncias e às narrativas autobiográficas. O contexto imposto pela reclusão pandêmica solicitava, no âmbito interno do grupo, a recriação dos espaços para nossos encontros. Após um certo tempo paralisado, o grupo foi pouco a pouco retomando o movimento, que passou pela essencial aprendizagem de conversar em salas abertas no ambiente virtual e pela redefinição dos objetivos e plano de ação conjunta para o semestre. A arte foi a nossa guia. Com ela, seguimos vitalizando nosso ser poético, fertilizando a imaginação e cultivando esperanças, compreendendo que tudo o que tínhamos era o presente – projetos para um futuro, ainda que próximo, não pareciam caber no cenário que se descortinava. Tecemos encontros para a partilha de produções culturais e linguagens artísticas, para compor e expor narrativas do cotidiano.

O reencontro e o movimento experimentados pelo grupo fecundou a proposta de lançarmos fios para fora do nosso círculo, desenhando espaços para o encontro, convidando outras pessoas a fiarem histórias na quarentena no ambiente que nos restava: o virtual. Fomos sonhando e delineando a proposta de ocupar esteticamente as redes sociais como forma de trazer ao diálogo conversas e provocações de sensibilidades, de ativação do sensível, compreendendo que: “Sensível é tudo aquilo que é tocado pelo acontecimento da linguagem: uma invenção muito antiga, um acontecimento muito recente. [...]. A sensibilidade é o sentido do corpo. Tudo o que vive é sensível de múltiplas maneiras” (GALEFFI, 2012, p. 98).

Com o que veio a se tornar um *mantra* para nosso grupo de pesquisa – “sem pressa, sem pressão, mas caminhando” –, pensamos que a arte poderia ser como uma tábua no mar, se não para salvar, pelo menos para oferecer um respiro, acordar a alma, para um cuidado de si e do outro. Colocamo-nos o desafio: Seria possível tecer encontros de histórias, sentidos e sensibilidades no distanciamento da virtualidade? Seria possível projetar e manter um espaço que se constituísse como um território arejado, animado, ou seja, cheio de vida? Apostando que sim, na página do grupo no Facebook, criamos a ação “Fiar com o FIAR na quarentena”,

na qual a cada dia publicamos uma proposta-fio que alinhava convites à reflexão, a sentir, a pensar, a fazer: Segunda-feira: FIAR com... Museus; Terça-feira: FIAR com... Educação e Arte; Quarta-feira: FIAR com... Literatura; Quinta-feira: FIAR com... Sons e Canções; Sexta-feira: FIAR com... Propostas de Educação Antirracista. É sobre isso que falamos no artigo: o movimento de abrir janelas para diálogos no ambiente virtual e que, no percurso, indicou não só a pertinência de se fazer formação e pesquisa, redimensionando-as pela reinvenção de tempos e de espaços, mas também a urgência em fazê-las.

Para criar um espaço-janela que convidasse ao cuidado de si e do outro, que fosse encharcado de vida, consideramos que a ocupação do ambiente virtual precisaria ser projetada por meio de uma curadoria, compreendida como ação de selecionar e de organizar forma e conteúdo da publicação, segundo critérios e objetivos pretendidos. É do campo da arte, na interface com a educação, que trazemos a ideia de curadoria educativa como o trabalho de pesquisar e de planejar modos de apresentação de obras que contribuam para ativar culturalmente os trabalhos e/ou produções artísticas apresentadas (MARTINS, 2006). A prática da curadoria, experimentada pelas componentes do FIAR, implicou desenvolver uma concepção expositiva dos conteúdos e das imagens que seriam disponibilizados na página oficial do grupo no Facebook. Assim, envolveu investigação em duas direções: 1) sobre repertórios artísticos, teóricos e imagéticos, que comporiam o conteúdo; 2) sobre a forma, sobre como os conteúdos seriam colocados em exposição. Assim, a curadoria virtual que praticamos moveu escolhas tendo no horizonte a provocação de diálogos, convites a olhar, pensar, sentir, lembrar, narrar.

No desprezioso, mas cuidadoso, espaço virtual que fomos desenhando, iniciado em maio de 2020 e ainda em curso, recebemos muitas visitas. Detendo-nos a olhar o perfil de quem nos visitava, notamos a constância de professoras, a maioria atuando na Educação Infantil, de diferentes partes do país. Professores e professoras de arte também passaram pelo espaço da página, todavia com menos frequência.

### FIAR com... Museus na quarentena

Às segundas-feiras, obras de arte postadas na página do grupo convidavam ao olhar sem pressa, acompanhadas da sugestão de se conhecer o museu onde a obra se encontra, ou uma exposição virtual do artista, por meio de um *link*. Buscamos apresentar uma diversidade de artistas, de diferentes épocas, técnicas, origens e temáticas. Já passaram pela página do FIAR: Rodolfo Chambelland (Rio de Janeiro, 1879 - Rio de Janeiro, 1967), Frida Khalo (México, 1907 - México, 1954), Arthur Bispo do Rosário (Sergipe, entre 1909/1911- Rio de Janeiro 1989), Amadeo Modigliani (Itália, 1884 - França 1920), coletivo Opavivará (coletivo de arte do Rio de Janeiro, fundado em 2005), Mulambö (Rio de Janeiro 1995-), Manuel Cargaleiro (Portugal, 1927 -), Pablo Picasso (Espanha, 1881 - França, 1973), Frans Krajcberg (Polônia, 1921-Rio de Janeiro, 2017), Cinthia Marcelle (Belo Horizonte, 1974-), Bruegel (Breda c.1525/1530 - Bruxelas, 1569), Martha Araújo (Maceió, 1943-), Jean-Michel Basquiat (EUA, 1960 - EUA, 1988) e Yacunã Tuxá (Bahia, 1994-). Algumas obras bem conhecidas, outras nem tanto, escolhidas pelo coração, por despertar certas reflexões, ou ainda por se relacionarem, de alguma forma, com o momento em que vivíamos.

Na pandemia, os museus, as galerias e os centros culturais, fechados, precisaram repensar sua relação com o público; assim, novas propostas de experiências museais foram surgindo: exposições virtuais, algumas com mediação *on-line*, sugestão de atividades dos educativos para o público fazer em casa, *lives* com os curadores e artistas, etc. De tal forma, se é comum as pessoas não se sentirem autorizadas a entrar em um museu ou ir a centros culturais, se é comum dizerem que não vão porque “não entendem de arte” (OSTETTO, 2006, p. 33), neste novo cenário a fruição das obras postadas na página do FIAR e a sugestão de *links* poderiam se tornar um delicado convite para deixar-se afetar, haja vista que no “[...] terreno da intersubjetividade, a arte nos une, servindo de lugar de encontro, de comunhão intuitiva; ela não nos coloca de acordo: ela nos irmana” (COLI, 1995, p. 125).

Os *posts* foram tomando forma com o passar das semanas, e foi incluída também uma

provocação, a partir de questões suscitadas pelas obras, criando um lugar de encontro, convidando para o compartilhamento. Informar, convidar a ver, a conhecer, mas também ir além: queríamos estar a serviço da narrativa, tema tão caro ao FIAR. Ressoavam em nós as palavras do filósofo Walter Benjamin (1987, p. 203): “[...] cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”.

Aos poucos, narrativas de quem tinha o que contar, sem precisar informar, foram aparecendo nos comentários: desenhos, fotografias, poesias. No espaço aberto para o respiro, para a partilha de experiências, para o deslocamento do olhar, histórias surpreendentes apareciam: questões pessoais, opiniões e mesmo a intimidade da própria casa eram postados em um clima de confiança e de acolhimento. Um exemplo foi a proposta criada a partir do trabalho do artista português Manuel Cargaleiro<sup>1</sup>, cuja obra compartilhada trazia um poema pintado e suscitou o convite – “E se pintássemos poemas que amamos? Frases poéticas, mantras, ditos inspiradores... Vamos?” –, aceito e respondido com versos, cores e formas (Figura 1).

**Figura 1.** E se pintássemos poemas que amamos?



**Fonte:** Mosaico de trabalhos compartilhados na página do Facebook, em diálogo com a publicação.

Discutimos, também, questões do trabalho docente, como no *post* que trazia uma instalação da artista visual Cinthia Marcelle, intitulada “Educação pela pedra”<sup>2</sup>, de 2016, em que o giz, ou pó de giz, material costumeiro/banal nas escolas, era ressignificado como a estrela, o protagonista. E veio a pergunta: “Para você, o que é óbvio na escola?”. O tema instigou uma participação intensa, evidenciando uma necessidade de dividir as angústias e os desassossegos entre nossos pares:

*O óbvio na escola? Vou lembrar das crianças na creche. Parece óbvio que elas estão lá. Mas muitas não as veem realmente. Poderia dizer das crianças e dos alunos em geral. É óbvio que escola tem crianças, adolescentes e jovens. Mas, quem os vê realmente? (G. D.).*

*No primeiro dia em uma escola da rede municipal [...], eu fiquei profundamente impactado, naquela escola, naquele*

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o artista e o museu, acesse <http://www.fundacaomanuelcargaleiro.pt/colecao.aspx>.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/3606>. Acesso em: 30 ago. 2020.

*lugar nada era óbvio, o fato de ser branco era o suficiente para me tornar estrangeiro. Essa escola foi um desafio em muitos níveis. Acho que aprendi mais com eles do que ensinei. (A. L.).*

*O que me saltou aos olhos, em uma escola de primeiro grau em Biguaçu/SC foi a falta de sabão para os alunos higienizarem as mãos. [...]. Se não temos (independentemente do motivo) sabão, como vamos ter o RESTO? (N. G.).*

Percebemos que, muitas vezes, seguidores chamavam outras pessoas para o diálogo nos comentários, como: “Lembrei de vocês com essa postagem, provocação”; “Amei! Leverei a proposta para realizar com o grupo de professoras e com as auxiliares de turmas da instituição em que trabalho!”, mostrando a reverberação das propostas.

Vivemos um momento extremamente difícil. Como diz o filósofo sul-coreano Han (2017, p. 128): “O mundo perdeu sua alma e sua fala [...]. As coisas superpovoam céu e terra. Esse universo-mercadoria não é mais apropriado para se morar. [...]. Perdemos toda capacidade de admiração”. O que poderia nos tirar da anestesia, nos devolver a alma, senão a arte? Com ela seguimos, criando espaços de narrativas, em um mergulho na dimensão estética que contribui para a fruição, ampliação do repertório cultural, construção de conhecimento e de encontros, confiando ser ainda possível um mundo digno, belo e ético.

### **FIAR com... Educação e Arte na quarentena**

Terça-feira era dia de FIAR com... Educação e Arte, oferecendo à reflexão trechos de autores que nos ajudam, no grupo de pesquisa, a tecer histórias, sentidos e sensibilidades com os fios da educação e da arte, pensando formação docente e infâncias. Seguindo o plano geral das publicações, palavras, imagem e questionamento/provocação compunham o quadro a cada semana. De tal forma, trouxemos ao diálogo Hillman (1993), Gombrich (1999), Eisner (2008), Albano (2012), Galeffi (2007, 2012), Hermann (2005), entre outros.

Em companhia desses autores, nossas referências teóricas, formulamos provocações, fios reflexivos, tais como: 1) Qual a memória mais antiga do encontro com a arte em sua vida?; 2) Na quarentena, que oportunidades você teve de entrar em contato com os universos artístico-culturais que fizeram você deslocar os sentidos?; 3) Como a quarentena tem afetado a sensibilidade do seu corpo vivente?; Que sentidos você mais tem utilizado - audição, olfato, paladar, tato, visão?; 4) Nessa quarentena, temos passado por momentos difíceis, mas temos o céu, não é mesmo? Convite: Vá até sua janela e olhe o céu. Consegue fazer uma foto? Vamos exceder nossa capacidade de ver-sentir-prosseguir!; 5) Qual a cor da sua quarentena? Sabor de que tem sua quarentena?; 6) Você lembra de alguma obra de arte – música, teatro, dança, pintura, escultura, literatura, fotografia, arquitetura etc. – que deixou você em conflito, que lhe ajudou “a ver e a perceber, a viver e a pensar”?; 7) A “escrita de si” é um caminho de autoconhecimento e autoformação: narrar-se, cuidar de si, reinventar-se. Um pequeno exercício possível: rememorar caminhos que te levaram ao magistério (ou à profissão que escolheu). Há um fato ou uma pessoa ou um tempo ou um lugar que considera ter contribuído para a sua entrada na profissão? Já pensou sobre isso? Já escreveu?

Havia a dimensão da reflexão, mas também o convite à experimentação, pois nos movia a ideia de que práticas dialogadas com as linguagens artísticas colocam “[...] o sujeito em contato com seu desejo, possibilita que dê forma a esse desejo e, ao mesmo tempo, desloca-o de seu cotidiano, conduz à confrontação com outras realidades, com outros modos de pensar e sentir” (ALBANO, 2012, p. 62).

Das propostas compartilhadas ao longo das publicações, em diálogo com autores que nos ajudam a pensar as relações entre educação e arte, destacamos aqui duas delas. Uma proposta teve como interlocutor um conhecido historiador de arte, que diz:

*Eu gostaria de ajudar a abrir olhos, não a soltar línguas. Falar argutamente sobre arte não é difícil, porque as palavras que os críticos usam têm sido empregadas em tantos contextos*

diferentes que perderam toda a sua precisão. Mas olhar um quadro com olhos de novidade e aventurar-se numa viagem de descoberta é uma tarefa muito mais difícil, mas também mais compensadora. É incalculável o que se pode trazer de volta de semelhante jornada. (GOMBRICH, 1999, p. 37).

Para compor o *post*, às palavras do historiador juntamos comentários sobre a pesquisa-extensão “Por uma formação docente brincante: outros espaços, outras experiências”, desenvolvida pelo grupo FIAR em 2018. Realizada por meio de encontros com professoras da Educação Infantil, teve por objetivo contribuir para a ampliação do repertório estético-cultural docente e, por isso, foi efetivada no espaço do Museu Janete Costa de Arte Popular, em Niterói. Falando da experiência, escrevemos que não queríamos, com o projeto, ajudar a soltar línguas, a explicar ou falar sobre arte, mas convidar à fruição, à reflexão a partir de experiências pessoais, de memórias de infância, de suas histórias de sensibilidade ao longo da vida. Na pesquisa-formação, um fio-provocação permeou o processo: Qual a memória mais antiga do encontro com a arte em sua vida? Essa mesma pergunta foi colocada na publicação, e, assim, propusemos aos visitantes da página que puxassem fios de lembranças e tecessem narrativas de encontros ou desencontros com a arte.

Nesse caso, convidávamos ao exercício de rememorar, o qual poderia se expandir no exercício de enunciar a matéria da rememoração, por meio de narrativas escritas. O convite foi aceito, muitas foram as visitantes da página que, em diálogo com a proposta, escreveram narrativas que articulavam a beleza e os sentidos nos detalhes da vida vivida revisitada. Narrativas que deixam ver caminhos singulares que as levaram, mais do que ao encontro da arte, ao desenvolvimento de suas sensibilidades, do gosto, da percepção, que contribuíram para sua formação estética. Falam de faltas e de presenças de oportunidades, do papel da escola, das figuras afetivas, como a avó e seus fazeres artesanais, a tia e seu repertório literário e musical...

*Ahhh, encontrava arte no meu cotidiano. Minha avó fiava, adorava vê-la fiar transformando algodão em linha, depois em pequenos rolinhos de linha para remendar e costurar. Ela contava histórias orais. Nasci em Minas, o contato com arte no sentindo de apreciar era nas Igrejas e cidades históricas. Amava ficar admirando os anjinhos barrocos. Ficava imaginando como o Aleijadinho fazia para construir tantas Igrejas. A arquitetura, a estética e as nuances de luz e sombra me encantavam e encantam. Na minha cidade também tem as Congadas, manifestação de fé e cultura popular. Sempre fui encantada pelas cores, danças e ritmos. [...]. Meu contato com a arte foi através de histórias, fiando com minha avó, da arquitetura e dos folguedos. (I. R. P.).*

*Poxa... Eu não tive quase nenhum acesso à Arte quando criança; só fui ver algumas coisas em livros, no Ensino Médio. Eu morava na zona rural, no interior de São Paulo, muito longe de bibliotecas e museus. Me lembro de pouquíssimas coisas, como a visita ao Museu do Ipiranga, por exemplo. Me lembro de ficar fascinada! As únicas expressões artísticas sempre presentes na minha vida foram a literatura e a música; essas sim muito vivas em minhas memórias. Minha tia tinha muitos livros e discos; tenho muitas lembranças de ouvir música com ela e de mexer em seus livros, escondida, porque ela dizia que eram de adultos. Desde muito pequena aprendi a cantar Chico Buarque, Caetano, Rita Lee, Belchior. [...]. Quadros e esculturas não fizeram parte da minha vida, mas eu tenho um prazer imenso em ler poesias; é algo que me toca profundamente. (N. S.).*

*Engraçado esses encontros com a Arte, ou com as... Tive um envolvimento de fato ano passado em uma turma sensacional, eu propunha algo e ao mesmo tempo aprendia com eles. [...]. Crianças de 3 e 4 anos [...]. Essa palavra Fiar se encaixa perfeitamente à Arte, porque é um costurar, emendar, encaixar, acolher junto a infinitas possibilidades. Aprendi muito e ainda aprendo com vocês todas, fiando mesmo que pela internet, assim de longe... (E.S.).*

Era evidente que a pergunta acionava movimentos autobiográficos, pelos quais a memória ia sendo puxada, inaugurando um processo de reflexão sobre a vida, ressignificando experiências e aprendizagens.

*A pergunta “Qual sua memória mais antiga do encontro com a Arte?” me tocou profundamente. Voltei em 2000, quando estava no Ensino Fundamental II e tive a oportunidade de ir com a escola pro Ibirapuera visitar a exposição Brasil+500. Eu nunca mais esqueci aquele dia, a sensação de sair da periferia de SP com meus amigos adolescentes da escola pública, e pela primeira vez ver uma exposição de Arte. Eu lembro dos sons, das cores, das obras do Arthur Bispo do Rosário e o quanto me impactaram com sua história de vida e a sua arte. Eu não sabia nomear o que estava sentindo, mas eu sentia e esse texto me fez sentir novamente. Estou muito grata e emocionada. A Arte me encontrou. (L. V.).*

Nossa intenção não é analisar os conteúdos narrativos dos comentários deixados no *post*, mas chamar atenção para a fertilidade dos espaços narrativos, forjados também no ambiente virtual. Construído por meio de uma curadoria (MARTINS, 2006), que envolveu pesquisa, escolhas estéticas e produção visual, cada autor e cada provocação-convite à interação projetava-se como espaço formativo, franqueando passagem para a narrativa de si, que, por sua vez, abre espaço para a escuta e o cuidado de si como práticas do sensível.

Uma segunda proposta veio como provocação ao deslocamento – do corpo, do olhar, da disposição –, a partir da inegável constatação de que nessa quarentena temos passado por momentos difíceis. Dores, tristezas e até desesperanças acompanham nossos dias, mas ainda temos o céu, não é mesmo? Com o arte-educador norte-americano Eisner (2008), a publicação chamava atenção para o exercício de exceder a capacidade de visão.

O nosso destino é mudar a visão social daquilo que as escolas podem ser. Não vai ser uma caminhada fácil, mas quando os mares parecem demasiado traiçoeiros para viajar e as estrelas demasiado distantes para tocar, devemos lembrar-nos da observação de Rober Browning “o alcance de um homem deve exceder a sua capacidade ou para que serve um céu?”. (EISNER, 2008, p. 12).

Da constatação de dores e de tristezas, do contato com o pensamento grafado, fizemos um convite: Vá até sua janela e olhe o céu. Consegue fazer uma foto? Quer compartilhar com a gente? Vamos exceder nossa capacidade de ver-sentir-prosseguir! E foram muitas as imagens compartilhadas (Figura 2), revelando olhares e deslocamentos de quem se colocou em movimento a partir do diálogo com os conteúdos e as formas disponibilizados por nós.

**Figura 2.** Mas ainda temos o céu!



**Fonte:** Mosaico de fotografias compartilhadas na página do Facebook, em diálogo com a publicação.

A paisagem-céu vista da janela também compõe a superfície existencial do nosso cotidiano. Que oportunidade para aguçarmos os sentidos! E, de certo modo, ampliar nossa formação estética! Educação estética não diz respeito apenas ao contato e/ou conhecimento da arte.

Educação estética não é apenas aprender a ouvir uma música, a cantar uma cantiga, a observar uma pintura, a dançar, a fazer teatro, a ler literatura. [...] o estético é aquilo que cada um é em sua superfície existencial, porque o importante é o como são desafiadas e afiadas as cordas do tempo e da transformação inevitável. (GALEFFI, 2007, p. 104).

### **FIAR com... Literatura – Leituras na quarentena**

Leituras na quarentena têm como proposta a partilha de obras que, lidas pelas participantes do FIAR, passaram a ser referências para seus pensares-sentires-fazeres a vida. De tal modo, compartilhadas, poderiam contribuir também com a expansão do repertório literário de quem acessa a página do FIAR. Ao nos debruçarmos em cada livro, pensamos coletivamente sobre a apresentação – forma e conteúdo.

Um questionamento nos acompanhava: Como convocar à leitura? Fragmentos do livro, contexto da obra, biografia do autor, impressões do leitor fiandeiro e imagens relacionadas são provocações ao gesto de abrir o livro. Oferecemos o nosso repertório acalentando o desejo de estar junto, mesmo em meio ao isolamento social. Estiveram pela página: *Pensamento Chão* (MOSÉ, 2007); *O Paraíso na outra esquina* (VARGAS LLOSA, 2006); *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (EVARISTO, 2016); *O peso do pássaro morto* (BEI, 2017); *Meus desacontecimentos* (BRUM, 2017); *Ideias para adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2019); *Vazio* (LLENAS, 2018).

Entre os livros compartilhados, destacamos dois deles que dialogam diretamente com o universo da memória, das histórias, das narrativas, das buscas de sentido pela enunciação da palavra própria, elementos tão caros ao grupo de pesquisa FIAR. Em “Meus desacontecimentos” (BRUM, 2017), a autora convida-nos a percorrer os sentidos de histórias reais contadas pelos fios das suas lembranças, fragmentos temporais que dão forma a narrativas constituídas pelo que ela chama de desacontecimentos. Aquele que lembra e conta, diz a narradora, costura um corpo de verdades que sustentam sua vida, lhe dá a vida, na memória tecida em

suas palavras. E, então, ao compartilhar o referido livro, faz-se o convite: Como narraria a sua história? Das respostas tecidas, puxamos o comentário de uma visitante, que faz a narrativa de si como “A mulher que não se conhecia como bailarina e que por isso ouviu outros chamados transformando-se em sua mais possível versão amor através da vida seguida...” (A. G.).

“Quando se escrevem memórias de palavras, os tempos se misturam. O passado não existe, assim como o futuro. O que há é um eu inventando um passado e um futuro no presente” (BRUM, 2017, p. 18). No caso do movimento que estamos tecendo, essas temporalidades realmente se mesclam, se entrelaçam geografias, projetam possibilidades de formação na reclusão, de constituição de significados no coletivo, na virtualidade, redimensionam o sonho e a prática da leitura. O que os visitantes comentam dão apenas indícios do que fora movimentado, mas os ventos literários que vão sendo semeados espraíam-se além de qualquer enquadre.

O outro livro, *Vazio* (LLENAS, 2018), uma literatura referenciada como infanto-juvenil, traz reflexões para todas as idades, por meio da história de Julia, uma menina que procura tampas para seu vazio que não tem nome, mas que ela sente e, nessa jornada, acaba descobrindo seu mundo interior e redescobrando o mundo exterior. Ao fazer referência à literatura, a fiandeira participante do grupo que sugeriu o livro, dá seu testemunho:

*Eu conheci esse livro através de uma leitura feita por uma amiga educadora, lá de Irecê na Bahia. A história me abraçou de tal forma que eu precisei comprar um só pra mim. É aquela literatura infantil que nos ajuda a entender quem somos, de quantos vazios somos feitos! (L. V.).*

E a pergunta é lançada aos visitantes da página: “Quais vazios te habitam?”

*Nossa, só pela capa já deu vontade de ler! Mexer no papelão, criar a partir da textura. Sobre a pergunta... Muitos vazios me habitam. Alguns bons e outros dolorosos. No momento, o vazio do silêncio para a escrita tem me preenchido bastante. O vazio como espaço para a criação, o vazio da linha quando faço uma gravura. Mas há também o vazio da ausência do abraço da minha mãe. Acho que esse é o que mais tem me preenchido de saudade na quarentena... (I. C. L.).*

Ao longo das publicações, no espaço criado na interação com a diversidade de autores e obras, além dos interesses particulares visibilizados nos comentários, aqueles que acessavam a página teciam relações com os conteúdos, as temáticas e as formas dos livros colocados em destaque. Nesse movimento, estava um movimento formativo para dentro e para fora: ao mesmo tempo em que os visitantes se sentiam afetados e mobilizados pelas questões evidenciadas, também compartilhavam repertórios, experiências, saberes e fazeres. “Na quarentena, tentei conhecer mais a trajetória e obra de Ailton Krenak e identifiquei a prática de prestar atenção aos sonhos no dia a dia dele”, escreve uma visitante; enquanto outra exclama: “Por mais literatura que nos abram os sentidos. Grata pela indicação!”

### FIAR com... Sons e Canções na quarentena

Há um mistério embalando as notas das canções, algo que transcende. Algo que nos atravessa com a intensidade das melodias, dos ritmos e das palavras entoadas, trazendo significância ao vivido. Há recordações que a música evoca em nós com seus sons e silêncios, há lembranças de lugares, pessoas, sentimentos. Assim começa um FIAR com... Sons e Canções, que apresentou uma canção e dividiu com quem nos visitaria nossos sentimentos, sensações e impressões suscitados pela música *É o que me interessa* (2018), de Lenine, que canta:

*Daqui desse momento/Do meu olhar pra fora/O mundo é só miragem/A sombra do futuro/A sobra do passado/Assombram a paisagem/Quem vai virar o jogo e transformar a perda/Em nossa recompensa/Quando eu olhar pro lado/Eu quero estar*

cercado só de quem me interessa. (É O QUE ME INTERESSA, 2018, n.p.).

Sim, interessava-nos criar oportunidades de compartilhar olhares para o futuro incerto que assombrava o presente, abrir janelas para viver e sobreviver no hoje instaurado nos tempos da reclusão. Na calma, por meio das janelas virtuais, oferecer companhia para a solidão, mãos dadas com a arte: desejo e necessidade.

FIAR com... Sons e Canções é um convite ao envolvimento com a música e, com ela, permitirmo-nos ser embalados por melodias que nos acolhem ou nos inquietam, que atravessam nossa existência. Poderia o repertório musical compartilhado semanalmente trilhar caminhos até a alma daqueles que se aproximam para ouvi-lo, abrindo em profundidade suas sensações e sentimentos? Nesse caso, como constituir e organizar esse repertório?

Partindo de pontos vários, o processo de escolha-curadoria movimenta, altera e modifica a quem faz a curadoria: as escolhas são uma resposta ao que nos afeta e têm relação com o que nos identificamos, resposta que é estética, ao reconhecer a beleza das canções pesquisadas, mas que é afetiva, pois encontramos nas nossas memórias sons e gostos que, na partilha, são incorporados aos repertórios. Os sons e as canções que iam sendo apresentados pelas participantes do grupo e sugeridos à composição do *post* tem a ver com quem somos, com a nossa (re)existência individual e coletiva, que nos aproxima como grupo de pesquisa, que nos possibilita conhecer e sentir a nós mesmos e ao outro.

As escolhas e a busca dos sentidos para que a canção compusesse uma publicação, seguiu um percurso do que nos toca e afeta individualmente, passando pela escuta sensível e cuidadosa dos pares, que, coletivamente, davam o tom sobre o que apresentar publicamente. Assim, cada publicação levava um pouco de nós – o que somos, sentimos e desejamos – para quem nos vê, nos lê e conosco ouve as canções selecionadas. Como em uma autobiografia, o repertório compartilhado também revela sujeitos compondo um memorial coletivo de experiências estético-musicais, reunindo gostos, modos de ver e de ouvir e expressam contextos pelos quais significamos o mundo e nos tornamos sensíveis a ele. Concordamos que:

Ao longo de nossas vidas, pelo pertencimento a diferentes grupos de convívio, como a família, a escola, as associações, os clubes e as igrejas, compartilhando com eles experiências, hábitos e valores, também atravessados por referências culturais mais amplas, veiculadas pelos meios de comunicação, vamos sendo marcados, aprendendo a significar o mundo ao redor, no compartilhar relações, experiências e contextos diversos; vamos nos apropriando de modos de ser, de pensar e de sentir. (OSTETTO, 2019, p. 60).

Nossa janela sonora e musical abriu-se em tom de acolhida, compartilhou *Certas Canções* (1982), de Milton Nascimento, a qual diz em um trecho: “Certa emoção me alcança/ Corta-me a alma sem dor/ Certas canções me chegam, Como se fosse o amor/ Contos da água e do fogo/ Cacos de vida no chão/ Cartas do sonho do povo/ E o coração do cantor...”. Na letra e nos acordes da canção, ao mesmo tempo apresentávamos a proposta do FIAR com... Sons e Canções e reverenciávamos a própria música como linguagem e possibilidade de afetar e conectar-nos pelas nossas sensibilidades. Alguns comentários fazem-se ressonância e dão mostras desse afeto/afetar, quando falam de emoção, de felicidade e de sensibilidade atravessadas pela canção; falam que a voz embala, acolhe, encoraja, ilumina momentos da vida.

A partir dessa reverência, entrou no horizonte da nossa janela uma diversidade de composições que fazem uma conexão entre o que tínhamos, o que temos e o que desejamos ter como perspectiva quando olhamos o mundo pelas janelas, sejam elas as janelas das nossas casas, sejam elas as janelas que as telas dos computadores e celulares nos permitem acessar, sejam elas janelas que abrimos a partir de nós mesmos para dentro de nós.

Na partilha de músicas, havia o desejo de apoiar a pausa no cotidiano que, na reclusão pandêmica dos lares, foi avolumado com a articulação de obrigações profissionais e tarefas domésticas. É a pausa que convida à reflexão sobre o cansaço, sobre a profunda necessidade

de reaprender a contemplação e o contato com a essencialidade, que a cultura demanda para superar hábitos voltados ao desempenho (HAN, 2017). Encontrar músicas que poderiam dar espaço para uma pausa – para apreciar, sentir, rememorar, pensar, projetar outra cotidianidade – fez-se por meio de uma curadoria que se situa na contramão da sociedade do desempenho, que nos conforma como sujeitos de produção (HAN, 2017).

Desejando atingir o sujeito da fruição, da contemplação, da reflexão, da ludicidade, impulsionando outros modos de sociabilidade, colocam-se em processo com letra e sonoridade, pois, se o acesso é auditivo, a fruição é de corpo inteiro, é do conhecimento, da memória, do desejo. No entanto, entra em questão também o pertencimento, seja ele de lugar, de origem, de época, de ideias, entendendo que a música, a expressão estética, envolve a nossa humanidade em sua inteireza.

Concordamos que a “[...] melhora da qualidade de vida depende da restauração de uma linguagem que preste atenção às qualidades da vida” (HILLMAN, 1993, p. 22), e com a música buscamos prestar atenção às qualidades da vida. Nessa busca, ajudam-nos<sup>3</sup> a poesia de Milton, a fé de Gil, a esperança de Ivan Lins, a reflexão de Lenine, o poema-memória de Ney, a reivindicação de Simonal, o festejo anunciado por Gonzaga, a energia de Milton e Gal, a sonoridade que trazem Salmaso e amigos, o tempo que nos habita, chamado por Flaira, o encontro de temporalidades com Cartola e Criolo, a convocação de Emicida e Barbatuques, o sonho com Dona Ivone, o manifesto de Sosa, a raiz brincante das Meninas de Sinhá. Essas qualidades da vida encontram-se na nossa janela como matérias de vida, que penetram os ouvidos e perpassam os corpos para trazer a potência e a energia que o tempo presente exige.

A cada canção-convite para que outros entrassem na nossa ciranda, com suas impressões, memórias, opiniões, também formulávamos questões-provocação: E para você, do que vale ser grato? O que anima e apura o seu olhar sobre a vida?, tecidas a partir de *Gracias a la vida* (1966), de Violeta Parra. Em diálogo, uma visitante indica a poesia de Cecília Meireles: “Mas a vida, a vida, a vida só é possível reinventada” e nos reporta à canção de Belchior: “*Ano passado eu morri. Mas, esse ano eu não morro*” (L. V.). Outra observa que o que a anima é a “[...] dádiva da vida, os amigos, os amores, a família, meu filho, flores, ervas, aromas, imagens de lugares do passado, do presente e do futuro” (X. F.). Mesmo com boas lembranças, com a gratidão pela vida que se tem, a percepção da nossa humanidade diante da vida aflora uma sensibilidade que até dói, como expressa a mesma visitante mas também lembra: “*Essa música chega a doer!*” (X. F.).

Em outra publicação, *Levanta e anda* (2013), Emicida (convoca a levantar e a seguir. Sua poesia – “Quem costuma vir de onde eu sou/ Às vezes não tem motivos pra seguir/ Então levanta e anda, vai,...” – e sua convocação repercutem força e memórias afetivas, encorajamento: “O Emicida foi ele [meu filho] que me apresentou. A melodia, a letra, nos convida a seguir”, diz uma visitante; “Força musical que encoraja. Pulsa – entra em nós, desloca, mexe – no ritmo e na poesia cortante e direta de Emicida. Obrigada pela partilha”, comenta e agradece outra.

Com *Poema* (1999), de Cazusa e Roberto Frejat, na voz de Ney Matogrosso, tecemos a reflexão: que em qualquer idade tenhamos desculpa para um abraço ou um consolo. O crescer traz desafios, mas o que permanece em nós, torna a vida iluminada! E indagamos: Quais lembranças iluminam sua vida? Com uma música tão mobilizadora dos sentimentos e das lembranças, os participantes dividem conosco seus sentimentos: falam que choram quando ouvem essa canção; que passa uma sensação de melancolia, de tristeza; remete a lembranças de um tempo de infância em que buscava acolhimento, diante da sensação de abandono; desejar estar em um lugar bom. As palavras transcritas de uma visitante revelam que o tempo presente, sem muita luz, ressoa na música. Diz ela: “Essa música, esses dias... no momento estou no escuro à procura de luz!” (G. D.).

Com Simonal e seu *Tributo a Martin Luther King* (1995), trazemos o convite a integrar a luta contra o racismo, perguntando: Quais artistas negros fazem parte do seu repertório musical? As respostas trazem a alegria de ver, entre aqueles que dialogam conosco, a presença de diversos artistas negros nos repertórios pessoais:

3 As referências a seguir correspondem aos compositores e cantores brasileiros que fizeram parte das publicações e podem ser visualizados na página <https://www.facebook.com/fiar.pesquisa>.

*Percebi que minha referência musical é composta por muitos artistas negros. Fui refletir sobre essa influência e entendi que está relacionada à música Gospel, pois cresci ouvindo os corais americanos de igrejas protestantes. Eu canto desde criança e aprendi com minhas tias a ouvir grandes cantoras negras, as quais tenho como referência e compõem minhas playlists. Trago algumas delas: Mary J. Blige, Aretha Franklin, Ella Fitzgerald, Whitney Houston, Alicia Keys, Diana Ross, Beyoncé, Lauryn Hill, Yolanda Adams, Cecé Winans, Clark Sisters, entre outras. (L. V.).*

*Amo música, amo música popular brasileira. Nunca olhei/nunca olho para a cor da pele do compositor e/ou cantor: se a música me fazia/faz vibrar, encantar, emocionar, rir, chorar, comover, refletir, enfim, se ela me tocava/me toca, eu ouvia/ouço novamente, comprava/compro o disco, queria/quero saber mais do/da artista. Assim, tenho uma galeria de bambas no meu repertório: Monsueto, Zé Kéti, Cartola, Pixinguinha, Jamelão, Lupicínio Rodrigues, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Leci Brandão, Moacir Santos, Monarco, Itamar Assumpção, são alguns lembrados na primeira puxada de memória – de todos eu tenho disco/CD. Depois tem uma nova geração, mas vou deixar pra outro dia. (L. O.).*

Provocações que ataçam memórias, respostas, opiniões, que falam de infância, de confinamento, de desejos para novos tempos, do que alegra, do que ilumina, da percepção do tempo sobre si e em si, como quando publicamos *Templo do tempo* (2015), com Flaira Ferro. Perguntamos sobre como as pessoas percebem em si o passar do tempo e lidam com essa relação com o tempo e recebemos estas colaborações para pensar sobre o tema:

*Descobri outro dia que meu colo não é mais o mesmo. A pele sorri nas fotos, mostra o agir do tempo. Antes era pele firma. Hoje se ajusta aos dias. Sigo percebendo o tempo que acontece em mim. Gratidão pela canção! (G. D.).*

*Aprendi a me relacionar bem com o tempo, antes o que era ansiedade e pressa, agora é presença e calma. Entender o tempo em mim distinto do tempo fora, reconhecer meu ritmo e ser grata pelas marcas que o tempo traz. Com ele vem maturidade e entrega. Quanto tempo o tempo tem? (V. S.).*

Assim, a cada semana, a cada música, a cada convite a se embevecer com os sons e a poesia, temos maior ou menor interação com registros pessoais, comentários sobre a obra, a indicação para alguém, o convite para que também conheça, se embeveça. Passeando pelas possibilidades que se apresentam para nós, chegamos ao encontro com Meninas de Sinhá, e, com elas, o convite a reviver as histórias e as canções da nossa ancestralidade, das raízes brincantes e festeiras do nosso povo. No sentido inverso da introspecção de outras canções, com elas encontramos as canções cirandeiras nas vozes de mulheres que (re)encontram na música, na festa, na brincadeira razões para seguir, sorrir, gargalhar.

Se, como diz o filósofo, “Hoje vivemos num mundo muito pobre de entremeios e tempos intermédios” (HAN, 2017, p. 53), criar brechas, frestas, nas franjas e nos avessos desses tempos que nos assaltam e passam aceleradamente, foi um desejo do FIAR com sons e canções. Nas ações propostas, selecionamos e compartilhamos ritmos e afetos, nos permitindo e convidando a outros, a sentir outras qualidades de tempos, em entremeios e intermédios.

## **FIAR com... Propostas de Educação Antirracista**

Sexta-feira é dia de FIAR com... Propostas de Educação Antirracista. Desde o início, em-

penhamo-nos em pesquisar, experimentar e utilizar outras linguagens para comunicar e afetar a percepção sobre o racismo. Um desafio imenso diante de um curto post na rede social, tecido na intenção de trazer reflexões e narrativas que afirmam identidades, direitos e questionam a negação ao protagonismo de homens e mulheres negros/negras. De que maneira poderíamos ampliar as discussões sobre diferenças que nos constituem, trazendo também elementos que fossem contributos à conscientização política e histórica daqueles que se colocassem como nossos interlocutores? Aqui também a curadoria foi essencial e a arte se fez guia, inspirando pesquisas sobre conteúdos e formas de possíveis ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Nessa direção, as publicações que inspiram propostas de educação antirracista foram protagonizadas por: Rosana Paulino<sup>4</sup>, Ingrid Silva<sup>5</sup>, Priscila Rezende<sup>6</sup>, No Martins<sup>7</sup>, Maya Angelou (1928-2014), Robinho Santana<sup>8</sup>, Luiza Mahin<sup>9</sup> e mais onze mulheres negras, Luane Bento<sup>10</sup>, Lélia Gonzalez (1935-1994), Yhuri Cruz<sup>11</sup>, a comunidade da Mangueira e os parangolés de Hélio Oiticica (1937-1980), Carolina de Jesus (1914-1977), Grada Kilomba<sup>12</sup>, Dona Ivone Lara (1922-2018), suas obras e suas vidas.

Logo na publicação inicial, na primeira semana de maio de 2020, Rosana Paulino ajudou a desatar os nós da negação, a partir de Parede da memória (1994-2015), obra composta pela costura de 1.500 patuás, na superfície dos quais 11 retratos de família da artista se multiplicam e disparam memórias ancestrais; materializa uma investigação da própria identidade, no reencontro de seus ancestrais. Saídas de uma caixa, as fotos de família da artista contam uma narrativa que poderia ser de todos. No encontro, como diria Kilomba (2019), o indizível na vida de uma mulher negra, que vê a obra, fora atravessado, e o post foi composto pela sua narrativa:

*Pelo mergulho na minha história de vida percebo como o povo preto, que veio antes de mim, constitui-me fortemente. Há algum tempo venho refletindo sobre os significados simbólicos de minha ancestralidade. Para além da cor da pele ou textura do cabelo, são marcas culturais nas escolhas cotidianas. Presente na identificação com coisas volumosas, o gosto por formas curvas e cores quentes, por exemplo. Na relação com as artes e culturas, percebo o que não foi desvelado a partir dos saberes da escola, nem das aulas na universidade. Talvez seja a força dessa influência ancestral que me permite acompanhar passos, e continuar a saga da (re)existência de mulheres negras. Que lutaram e ainda lutam pela liberdade através da educação. (G. S.).*

Outra implicação surge na sequência das publicações. Da pergunta: “Professor(a), como você enfrenta o racismo?”, uma narrativa pessoal indaga a respeito da elaboração de propostas de educação antirracista.

*Eu posso dançar? Ano de 1988, meados de junho. Na escola, horas a fio a ensaiar. Cada passo, cada gesto, repetidos incansavelmente. Ecoava alto a voz da professora. Mas, eu estava feliz, dançaria com meu amigo (...). Chegou o grande dia! Pronta e feliz... lá fui eu! Reunidos em uma sala, a professora dava as últimas orientações. Bateram na porta. Era a mãe do meu amigo e o fotógrafo contratado pela escola. A voz alta da mãe questionava: - Quem vai dançar com meu filho? Viemos tirar uma foto do casal. Fui chamada pela*

4 Sobre Rosana Paulino, ver <https://www.rosanapaulino.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

5 Sobre Ingrid Silva, ver <http://www.ingridsilvaballet.com/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

6 Sobre Priscila Rezende, ver <http://priscilarezendeart.com/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

7 Sobre No Martins, ver [https://www.instagram.com/nomartins\\_/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/nomartins_/?hl=pt-br). Acesso em: 30 ago. 2020.

8 Sobre Robinho Santana, ver <https://robinhosantana.tumblr.com/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

9 Sobre Luiza Mahin, ver <https://www.geledes.org.br/luiza-mahin/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

10 Sobre Luane Bento, ver <http://lattes.cnpq.br/2832273346558251>. Acesso em: 30 ago. 2020.

11 Sobre Yhuri Cruz, ver <https://yhuracruz.com/bio/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

12 Sobre Grada Kilomba, ver <https://gradakilomba.com/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

*professora. A mãe silenciosa, apenas me olhou. As duas se retiraram. Na volta, recebi um novo par. Vi meu amigo com uma nova parceira de dança. Branca, tinha cabelo comprido que fazia a vez das minhas tranças loiras de mentira. Desejei ser como ela. Sendo branca assim, eu posso dançar com meu amigo? (H. N.).*

No diálogo com essa narrativa, apresentamos um vídeo com a bailarina Ingrid Silva, já citada, que deu seus primeiros passos no balé ainda criança, por meio de um projeto social na Mangureira, antes mesmo de ter visto um espetáculo de dança. E, então, questionamos: A cena-violência que aconteceu em 1988 ainda acontece em 2020? O combate ao racismo deve ser ação de instituições e de professores desde a Educação Infantil, sendo fundamental repensar as práticas pedagógicas e incluir como perspectiva a igualdade racial, benéfica para as crianças negras, para as crianças brancas e para o futuro do país, como diz a pesquisadora Cida Bento (2012).

Considerando o papel do professor na luta antirracista, apresentamos outra questão: Como construir um repertório visual antirracista a partir da arte contemporânea? Em diálogo, a narrativa de uma professora de artes não-negra, questionadora de sua prática, conta que, a partir da obrigatoriedade no ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar (BRASIL, 2003), ela reconhece seu repertório empobrecido. Então, pela pesquisa, ela conhece artistas contemporâneos como Priscila Rezende, que sensibiliza olhares e percepções sobre a estética negra e o racismo de modo direto e literal. Na *performance* “Bombriil”, por exemplo, que compartilhamos na referida publicação, a artista questiona o tratamento cruel e jocoso dado a pessoas de cabelos crespos. Entrar em contato com a obra pode ser um dos canais para observar o disposto na Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), e nos documentos dela decorrentes.

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente. (BRASIL, 2004, p. 14).

A irracionalidade continua a exterminar a vida de pessoas negras durante este cenário pandêmico. Na semana dos protestos contra a morte de George Floyd, nos Estados Unidos, explodiu a mobilização “Vidas negras importam”. No Brasil, morrem mais crianças em situações dramáticas – não haveremos de esquecer de João Pedro e Miguel Otávio e a onda de racismo envolvida em seus assassinatos. Com os impactos da realidade social, cuidamos ainda mais de nossa ocupação virtual. Demos visibilidade à obra com a inscrição #JaBasta, do artista No Martins, e do protagonismo negro na obra “Dogma” (2018), de Robinho Silva. Afinal, a luta antirracista é ação!

Entre as propostas, trouxemos *Still I Rise* (Ainda assim eu me levanto), o mais famoso poema de Maya Angelou (1928-2014), figura extraordinária das letras norte-americanas, porta-voz dos anseios e da revolta dos negros no século XX. Publicado em 1978, é uma verdadeira declaração de princípios que serve como hino da resistência à opressão. Aqui, um trecho:

Você pode me riscar da História

Com mentiras lançadas ao ar.

Pode me jogar contra o chão de terra,

Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?

Por que meu brilho o intimida?

Porque eu caminho como quem possui  
Riquezas dignas do grego Midas.  
  
Como a lua e como o sol no céu,  
  
Com a certeza da onda no mar,  
Como a esperança emergindo na desgraça,  
Assim eu vou me levantar.<sup>13</sup>

Um sussurro poético à Maya, veio em resposta: “Te sinto como uma força bruta que insurge nas tempestades e muda o fluxo do (a)mar... Te escuto na ferocidade do teu ser nos ecos dos grillhões dos antepassados em tudo aquilo que podemos ser...” (C. C.).

Propostas de educação antirracista podem inspirar-se nas técnicas e, também, na história de artistas mulheres negras. Por isso, trazemos a artista Sônia Gomes<sup>14</sup>, com sua obra “Mãos de ouro” (2008). Nascida em Caetanópolis, Minas Gerais, de mãe negra e pai branco, a artista mostra-se em uma fusão de muitas lembranças. Tece sua obra por meio da costura, torções, confluências e união de arame, rendas, tecidos, papel, linhas, papelão, bordados. Com a beleza e a força da obra dessa artista, foi que convidamos à reflexão: Considerando sua ancestralidade, quais fragmentos de família você guarda? O compartilhamento de sua obra em nossa publicação emocionou-nos, fazendo eco com os comentários deixados no post, que contam de lembranças das artesanias de avós, pelo trabalho com linhas e agulhas; recordam as receitas da mãe, escritas em um caderno que em sua constituição agregava uma arte singular, com figuras e coloridos; lembram de relações ancestrais e falam das texturas que carregam muitos significados.

Criar propostas inspiradoras de uma educação antirracista exigiu do grupo um exercício curatorial profundo. No planejamento para a ocupação virtual, ampliamos nosso encontro com a arte contemporânea. Pela pesquisa, encontramos diversas exposições e obras que questionam a situação histórica e atual da população negra na sociedade brasileira, entre as quais, selecionamos e aprofundamos o conhecimento sobre artistas negros e não-negros. Alguns de fora dos eixos centrais, que, pela arte, geram interlocuções e possibilidades de um tratamento digno à questão racial. Durante as publicações, houve uma crescente participação/interação, e os comentários reafirmavam o caminho: conhecer a arte e a cultura produzidas por artistas negros é parte importante da formação para as relações étnico-raciais. Proporciona a ampliação das referências estéticas dos professores, podendo contribuir para um maior respeito às crianças negras e à construção da identidade e seus sentidos de pertencimento.

## **Pelas janelas abertas, outras miradas para a educação e a formação docente**

Em relação à educação, eu falaria da necessidade de uma união inseparável entre estética e ética: a união mais segura para distanciar formas de prepotência e fazer da sensibilidade estética uma das mais fortes barreiras contra as violências físicas e culturais. (VECCHI, 2017, p. 39).

O movimento produzido pelo grupo de estudos FIAR, de ocupação/formação na página do Facebook, tornou-se um lugar para pensar (e decolonizar-se), sentir, olhar para si e para o outro e agir: um espaço de relação, de cuidado, de criação e de (re)invenção. Reinvenção! A palavra que talvez sintetize esse movimento construiu, no encontro, o desafio de continuar a vida e o desejo de manter a conexão com o outro por meio da arte, do compromisso formativo

<sup>13</sup> Poema disponível na íntegra em: <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

<sup>14</sup> Sobre Sônia Gomes, ver <https://mendeswooddm.com/pt/artist/sonia-gomes>. Acesso em: 30 ago. 2020.

que nos habita e constitui nossos fazeres.

Fiar encontros e histórias, entrelaçar fios sensíveis no espaço, a princípio, frio da virtualidade, levou-nos a uma tessitura nova para nós, envolvidas ética e esteticamente com a formação docente. Como também nos inspira a atelierista italiana citada em epígrafe: a dimensão estética é “[...] uma atitude de cuidado e de atenção para aquilo que se faz, é desejo de significado, é maravilhamento, curiosidade. É o contrário da indiferença e da negligência, do conformismo, da falta de participação e de emoção” (VECCHI, 2017, p. 28).

Nesses meses vividos intensamente em torno de fazer o Fiar com o FIAR na quarentena, abrimos janelas que fitaram outras janelas de conhecimento e sensibilidade, que nos revelaram e aproximaram das narrativas e dos percursos pessoais que incidem sobre quem somos e como nos constituímos mais propensos a ter a escuta com nós mesmos e com o outro, ensaiando outras formas de estar junto, por meio de um processo formativo, autoformativo.

O panorama de quem acessou a página e interagiu conosco, de quem curtiu, teceu narrativas em resposta aos convites-provocações, permite-nos afirmar que, por meio de uma curadoria virtual cuidadosa e amorosa – comprometida com quem chega à janela impelido pela necessidade de estar junto e se fortalecer no atravessamento da jornada pandêmica –, não só entrevemos outras miradas para a educação e a formação docente, mas começamos a tecê-la. Olhando de frente para esse tempo triste, desolador, desesperançoso que nos atravessa, abrimos janelas para horizontes que sonham um outro e novo tempo, no qual as estesias se farão forma e conteúdo da educação. Pelo movimento de ocupar espaços e tempos na virtualidade desafiadora, tecemos elementos de uma educação com formas, compassos, entrelinhas, que nem sempre se encontram na pauta da formação docente, mas que, para nós, é o princípio, o meio e a forma de propor e efetivar essa formação: trazer ao centro a pessoa e reconhecer a importância do sensível.

## Referências

ALBANO, Ana Angélica. Arte, Cultura e seus Demônios. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 13, p. 55-62, 2012.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Nós e Edith, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Introdução: Carta aos profissionais da Educação Infantil. In: SILVA JR., Hélio; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de. (coord.). **Educação Infantil e práticas promotoras da igualdade racial**. São Paulo: CEERT; Instituto Avisa Lá, 2012. p. 9.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação/Secad, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CERTAS Canções. Intérprete: Milton Nascimento. Compositor: Milton Nascimento. In: ANIMA. Intérprete: Milton Nascimento. [S. l.]: Ariola, Barclay, 1982. 1 Disco, lado 2, faixa 3.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

**É O QUE ME INTERESSA.** Intérprete: Lenine. Compositores: Lenine e Dudu Falcão. In: LABIATA. Intérprete: Lenine. [S. l.]: Casa 9 Produções, 2018. 1 CD, faixa 8.

EISNER, Elliot E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Curriculo sem Fronteiras** [online], v. 8, n. 2, p. 5-17, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GALEFFI, Dante Augusto. Educação Estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.21i77.2200>

GALEFFI, Dante. Po(éticas) da formação: estética e ética na trans-formação humana emergente. In: PIMENTEL, Álamo; GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei. (org.). **Po(éticas) da formação**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 61-147.

GOMBRICH, Ernst H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.

**GRACIAS a la vida**. Intérprete: Violeta Parra. Compositora: Violeta Parra. In: LAS ÚLTIMAS Composiciones. Intérprete: Violeta Parra. [S. l.]: ARCI Music, RCA Records, 1966. 1 Disco.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HILLMAN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

KILOMBA, Grada. **Desobediências poéticas**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

**LEVANTA e anda**. Intérprete: Emicida. Compositores: Emicida e Rael da Rima. In: O GLORIOSO retorno de quem nunca esteve aqui. Intérprete: Emicida. [S. l.]: Laboratório Fantasma, 2013. 1 CD, faixa 2.

LLENAS, Anna. **Vazio**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2018.

MARTINS, Mirian Celeste. Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2006.

MOSÉ, Viviane. **Pensamento Chão**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A arte no itinerário da formação de professores: acender coisas por dentro. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2006.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 1, p. 57-76, jan./abr. 2019.

**POEMA**. Intérprete: Ney Matogrosso. Compositores: Cazuzza e R. Frejat. In: OLHOS de Farol. Intérprete: Ney Matogrosso. [S. l.]: Polygram, 1999. 1 CD, faixa 6.

**TEMPLO do tempo**. Intérprete: Flaira Ferro. Compositores: Flaira Ferro e Igor Bruno. In: COR-

DÕES umbilicais. Intérprete: Flaira Ferro. [S. l.]: Guerra Produções, 2015. 1 CD, faixa 7.

**TRIBUTO a Martin Luther King.** Intérprete: Wilson Simonal. Compositores: R. Bôscoli e W. Simonal. *In*: BRASIL. Intérprete: Wilson Simonal. [S. l.]: Odeon, 1995. 1 CD, faixa 6.

VARGAS LLOSA, Mario. **O Paraíso na outra esquina.** Rio de Janeiro: Saraiva, 2006.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia.** São Paulo: Phorte, 2017.

Recebido em: 04 de setembro de 2020.

Aceito em: 11 de outubro de 2021.